

A HORA DA ESTRELA:

DO ROMANCE AO CINEMA – SENSACIONES E IMPLICACIONES

ALVES, Clevictor de Oliveira

e-mail: clevictor@gmail.com.br

SANTOS, Frank de Almeida

e-mail: frankpportugal@gmail.com.br

SOARES, Richard Wagner Fonseca

e-mail: richardayoros@yahoo.com.br

SANTOS, Clodoaldo Messias (Orientador) Especialista em metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela FACINTER. Professor do curso de Letras / Português da Universidade Tiradentes.

RESUMO

A hora da estrela (1977), de Clarice Lispector, conta a história de Macabéa, uma moça alagoana que migra para o Rio de Janeiro e encontra um mundo hostil. Em 1985, o livro ganha adaptação de Suzana Amaral para o cinema. Aplaudido pela crítica, o filme procura captar a essência da obra, porém a cineasta optou por omitir o narrador que também é pseudo-autor. A partir daí, dessa complexidade de estruturação do romance e da releitura necessária para adaptar a obra ao cinema, este artigo busca uma análise psicossocial das personagens, seus dramas e observar as diferenças entre essas duas formas de linguagem.

Palavras-chave: essência, complexidade, vertentes, análise, diversidade.

A HORA DA ESTRELA: DO ROMANCE AO CINEMA – SENSações E IMPLICAÇÕES

INTRODUÇÃO

A obra, *A hora da estrela*, se enquadra no Movimento Modernista Brasileiro, mais precisamente na terceira fase que também é chamada de *geração de 45*. O emprego dos fluxos de consciência, a sondagem psicológica, o uso do monólogo interior e a pesquisa da linguagem são caracteres presentes na produção literária daquela época. Assim como, o emprego da metalinguagem e a postura pouco convencional contribuem para conceituar e apontar dados importantes presentes na obra de Clarice Lispector.

O livro tem duas características fundamentais: a originalidade do estilo e a profundidade psicológica no enfoque de temas aparentemente banais. A estória gira em torno de uma nordestina que vai residir na grande cidade do Rio de Janeiro, com a intenção de realizar seu grande sonho. Através da personagem, descobre-se um mundo novo, conseqüentemente, a pobreza surge como tema e a simplicidade de vidas tão pouco interessantes são refletidos dentro das diferentes linguagens: a literária e a cinematográfica.

Este trabalho é uma análise comparativa entre dois tipos de linguagem: O livro *A hora da estrela*, escrito por Clarice Lispector e o filme dirigido por Suzana Amaral. Essas são as obras utilizadas como objetos de estudo para o desenvolvimento deste artigo. As análises serão norteadas a partir de como as personagens foram idealizadas dentro do estereótipo do migrante. Bem como perceber se, ao assistir ao filme, os atores conseguem expressar aquilo que anteriormente pôde ser visualizado pela imaginação dos autores deste artigo.

Notoriamente, uma única história poderá proporcionar diferentes interpretações, em função do meio em que será veiculada. Esta variedade de significados será possível devido aos signos apresentados, às vezes análogos, por outras vezes distintos ao confronto entre o livro e o filme.

1. CLARICE LISPECTOR: A TRAJETÓRIA DE UMA ESTRELA

Clarice nasceu em 1925, na Ucrânia. Dois meses após seu nascimento, mudou-se para o Brasil, juntamente com sua família. Depois morou em Alagoas, Pernambuco, mas passou a infância no Recife. Aos sete anos já escrevia seus primeiros textos, sendo influenciada por Monteiro Lobato, pois leu muitas obras desse autor, exercendo sobre ela grande fascínio, enchendo seus olhos de menina.

Quando aprendeu a ler aos sete anos de idade, descobriu que os livros eram escritos por autores, a partir daí surgiu o desejo de ser escritora. Aos nove anos perdeu a mãe. Transferiu-se para o Rio de Janeiro aos doze anos e lá estudou Direito, chegando a trabalhar como redatora e jornalista. Forma-se em 1944, ano em que publica a sua primeira obra, *Perto do Coração Selvagem*.

Clarice casou-se, na mesma época do lançamento de sua primeira obra, com um diplomata brasileiro (Maury Gurgel Valente) e, por isso, afastou-se durante longos períodos do país que tanto amava. Aos dezenove anos morou em Nápoles, Itália. Mesmo depois de ganhar o prêmio “Graça Aranha” por seu primeiro romance, não se considerava uma escritora profissional. Com o marido, teve dois filhos: Pedro e Paulo.

Em 1960 separa-se de Gurgel Valente, é também o ano em que retorna para o Brasil e passa a morar no Rio de Janeiro. Em 1976, a escritora é convidada para representar o Brasil num Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, Colômbia. Sua participação lá se resumiu à leitura de seu conto “O Ovo e a Galinha”, o qual acreditava que ninguém havia entendido.

No ano de 1977, no mês de novembro, fez exames e constatou que estava com câncer generalizado. No dia 16 de novembro do mesmo ano, foi internada para um tratamento impossível. No dia 9 de dezembro faleceu no Rio de Janeiro, mesmo ano do lançamento de *A hora da estrela*. E passados 30 anos da morte da escritora, seu texto continua bastante atual.

Clarice Lispector enquadra-se dentro do Modernismo brasileiro. No entanto sua obra rompe com o estilo de se escrever romance. Esta sua particularidade contrasta com a prosa da segunda geração moderna, que era voltada aos problemas sociais, ao regionalismo, à denuncia acerca de questões relacionadas aos sertanejos, valendo-se de linguagem simples e acessível.

A autora escreveu muitos contos com estilo inusitado, textos profundos, de difícil entendimento, pois se desprende da narrativa referencial, ligada aos fatos e acontecimentos e volta-se para uma narrativa interiorizada, existencialista, centrada num momento de vivência interior das personagens. Sua literatura é um ambíguo espelho da mente, registrado através do fluxo da consciência, que indefine as fronteiras entre a voz do narrador e a das personagens. O fluxo de consciência é um sistema utilizado na narrativa para apresentar aspectos psicológicos das personagens.

A maioria das personagens de Clarice Lispector é mulher. Existem questionamentos a respeito do papel da mulher dentro da sociedade, tornando-se assim uma obra reflexiva, gerando uma tendência à introspecção. O amor, o casamento, a relação homem e mulher são questões tomadas pela autora que leva o leitor a refletir e pensar a respeito desses assuntos.

Em se tratando de sua obra *A hora da estrela*, em sua última entrevista biográfica, Clarice, citada por Lobo¹, fala claramente de sua identificação com Macabéa. Se, no texto, o narrador diz que "quando menino ele foi criado em Recife", nessa entrevista ela fala do nascimento das idéias do texto:

¹ (Apud Lobo, 1994, pp., 70-71)

"Eu morei no Recife, eu morei no Nordeste, me criei no Nordeste. E depois no Rio de Janeiro tem uma feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá... E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a idéia de um... Depois eu fui a uma cartomante e imaginei... Ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história. (...) A história é de inocência pisada, de uma miséria anônima...

Clarice Lispector, neste livro, denuncia todo o contexto social brasileiro e, por extensão, a injustiça no mundo. Ela apresenta a estrutura interna do ser humano massacrado. E sua intenção é a de desmascarar, denunciar as desigualdades num tom de reflexão ao que circunda o ser humano, especialmente o brasileiro. Com este processo, aparentemente de pura introspecção e de pura fabulação filosófica, ela questiona o mundo organizado e a cultura dominante, resgatando do preconceito os ofendidos e humilhados.

Macabéa deve ser vista como um substantivo coletivo, onde o nordeste rural na sua realidade difícil, em vários aspectos, contracena com a engrenagem urbana, a cidade inconquistável. Ela é o grito no silêncio daqueles que estão marginalizados social e existencialmente, na busca da concretização de sonhos, na tentativa desenfreada de *ter* uma vida com menos dificuldades.

Em um de seus escritos ela, Clarice Lispector, deixou as seguintes palavras:

"Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir 'arte', senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era "fazer alguma coisa, como se escrever não fosse fazer. O que não consigo é usar o escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema da justiça é em mim um sentimento

tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele - e, sem me surpreender não consigo escrever" (LISPECTOR. s/d).

Sua preocupação com o problema dos oprimidos confirma-se na dedicatória do livro, na qual Clarice Lispector registrou "Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública". Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me-dê" (LISPECTOR, 1999).

2. ROMANCE X FILME

Existem algumas semelhanças entre a história *A hora da estrela* contada no livro e no filme, apesar de seus tipos de linguagem serem diferentes no processo da comunicação. Tal processo é estudado por uma ciência específica, a Semiótica.

A Semiótica estuda a linguagem e suas relações. Todas as linguagens possíveis são investigadas por ela, tendo como alvo os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como: fenômeno de produção de significado e sentido. Como há diversas formas de linguagens para comunicar algo, conseqüentemente, estes inserem significados diferentes ou não, a partir da interpretação pessoal que também pode ser compartilhada por relacionar opiniões pessoais e convenções culturalmente impostas e aceitas.

A base da linguagem comunicativa está na interpretação do signo apresentado. Levando em consideração o conceito de Peirce, que define signo como “algo que está para alguém em lugar de algo em algum aspecto”; e o conceito de Saussure que define o signo lingüístico como “união de uma imagem acústica (significante) a um conceito (significado) por meio de um laço arbitrário” (Apud: Epstein, 2001: p.62). Conclui-se que muitas vezes uma palavra representa algo ausente naquele momento e que ela pode se referir a algo de forma diferente, não deixando de se referir a um mesmo objeto de igual significado.

Partindo das experiências pessoais e sociais que vive o artista, ele transcreve ou recria a realidade, dando origem a uma supra-realidade ou a uma realidade ficcional. Ao transcrever a realidade se pode usar a imaginação, tanto o autor como o leitor, são livres para recriar livremente a realidade ao escrever e ao ler o texto. Isto chega até os integrantes da interação por diversas linguagens: pela palavra (linguagem verbal, oral e escrita), pela imagem (linguagem visual e sonora), pela representação (linguagem teatral), pelos gestos (linguagem gestual), entre outras.

A construção de uma imagem associada à história fica por conta da imaginação do leitor, que é livre para imaginar, por exemplo, como é a personagem principal da narrativa, pode associar alguma descrição feita no texto e recriar em sua mente as características físicas de Macabéa. Aí mora o grande prazer da leitura, ler ter a liberdade de interpretar, imaginar e refletir sobre os acontecimentos ficcionais narrados.

O foco narrativo de *A hora da estrela* é a migração. Pode-se evidenciar a produção de significado e sentido a partir dessa palavra como o campo dos espelhamentos da diversidade. Exemplificando, a migração, esta variedade comportamental, encontrou no nordestino sua identidade, já que este é visto como uma espécie de estereótipo do migrante no imaginário brasileiro.

Como essa identidade do homem nordestino é construída sob a perspectiva literária, e como se dá na perspectiva cinematográfica?

Em “A hora da estrela”, tanto no texto quanto no cinema, o lugar da diferença é enfatizado através da representação mítica da nordestina-mulher-migrante, que emerge, na estranheza da relação, o eu - outro como personagem deslocada na paisagem urbana.

“Com a centralização do desenvolvimento industrial no sul, o nordestino foi revestido da própria indumentária migrante, assimilando a representação brasileira do migrante. (...) A primeira instância que se destaca dessa representação é a presença de traços culturais (...). Seus traços impregnam a música, as praças, o ritmo da construção, o humor brasileiro (...)”. (FERREIRA, Ademir Pacelli. *A Migração e suas vicissitudes: Análise de uma certa diversidade*. Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1996.)

No livro, tudo parece situar-se num lugar misterioso entre o Realismo e o Simbolismo. Clarice Lispector constrói sua obra em torno de dois desamparos, o de Macabéa e o de Rodrigo. Este último é o narrador e escritor que ironiza, através de várias deixas no texto, o estilo de narrativa utilizado e, também, dialoga o tempo todo com o leitor sobre a estória. Além disso, o narrador mostra Macabéa como uma coitada e, mesmo querendo mostrar uma narração imparcial, parece ter pena da moça: “(...) Por ser ignorante, era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é

que lhe dera um curso (...) de como bater à máquina, e a moça ganhara uma dignidade.” (LISPECTOR, 1998, p.15).

Em 1985, o livro ganha adaptação de Suzana Amaral para o cinema. Este foi aplaudido pela crítica. O filme capta a essência da obra, porém a cineasta tenta evitar um tom “intelectual” para não afastar o público e suprime o narrador.

Para a consecução do processo de recriação, a cineasta permitiu-se algumas *infidelidades*. Ocorrem algumas invenções de passagens, não sendo um defeito, mas uma forma de enfrentar o desafio de transpor o material de uma linguagem para outra.

No cinema a quantidade e diversidade de linguagem não-verbal é maior. A partir disso, o filme possui diferentes significados na construção das cenas, a partir da simultaneidade dos signos apresentados, mostrando motivação na imitação do real.

Partindo do pressuposto explicitado no parágrafo anterior, *A hora da estrela* pode ser assistido por qualquer pessoa, mesmo que esta não possua todas as aptidões pré-estabelecidas, como ser letrado (no caso de legendas), o filme consegue transcodificar o visual (descrição dos objetos filmados, movimentos, expressões, gestos, olhares das personagens) do filme (montagem das imagens), do sonoro (músicas, ruídos, tonalidades das vozes) e do audiovisual (relação entre imagens e sons), bastando possuir uma dessas competências, como por exemplo, ser cego, mas ouvir

saudavelmente para acompanhar toda a história. Daí revela-se a amplitude do filme na imagem e na linguagem.

3. ANÁLISE DAS PERSONAGENS

Ao passar à análise das personagens do romance de Clarice, observa-se um texto rigoroso de como o enredo se serve ao processo de quebra da ideologia, tanto na obra literária quanto na adaptação para o cinema. No romance, o narrador (Rodrigo) é tomado pela imagem da nordestina, sendo então obrigado a escrever. Como escritor, o sujeito explora essa identificação (para depois desconstruir). Ser tomado pelo outro não representa um complemento, mas uma cisão do sujeito e há também uma troca. “Para dar corpo a estranha (Macabéa), ele entra em sua pele e se identifica projetivamente com a mesma: "Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti" (Lispector, 1992, p. 55).

A desidentificação se processa através de etapas aonde as diversas facetas do outro vão sendo reveladas. Depois de um tomado pelo outro, o sujeito precisa de um afastamento. Assim, o processo de identificação - onde o sujeito assume uma imagem - para depois começar a vestir a indumentária da que é capaz de assimilar, ou seja, construir.

Com essa imagem emblemática do migrante descrita no início do artigo, Lispector retrata uma experiência de espanto, onde o sujeito, ao ser capturado, toma contato com o que pode absorver do outro. Este processo de estranheza une o eu e, nessa brecha, o outro toma forma. E assim, a identificação, Macabéa toma corpo, enquanto "Rodrigo S. M" conhece novos desdobramentos de seu eu.

Na obra de Clarice Lispector, a construção das personagens possui um sentido amplo, são pessoas simples que em seu cotidiano buscam uma forma de revelação de mundos interiores – remetendo a subjetividade - e desconhecidos até então. Tais seres humanos precisaram se libertar dos laços sociais e de toda e qualquer convenção e assim criar o seu próprio espaço.

A busca de identidade de Macabéa processa-se quando ela se observa diante do espelho. A primeira imagem que vê é a do autor, Rodrigo S. M., moldando a personagem à sua imagem e solidão. Em outra vez que se olha no espelho, passa em seus lábios um batom vermelho como busca da identidade desejada: Marilyn Monroe². Por isso que a libertação ocorre por uma abertura da consciência para momentos determinados que acontecem por intuição ou adivinhação. Contudo, isso só aparece através de um rápido pensamento existencial da protagonista no final, momentos antes da morrer.

No filme, Macabéa também vai para o Rio de Janeiro ser datilógrafa. Ela vai morar numa pensão e tem uma vida sem muitas emoções, pois é indiferente a elas. Conhece Olímpico de Jesus e os dois começam a namorar. Porém, a relação não se

² Atriz norte-americana de muito sucesso.

sustenta e Olímpico acaba trocando Macabéa por Glória, que por recomendação de sua cartomante, rouba o namorado da amiga. Macabéa aceita o conselho de sua colega de trabalho e procura a cartomante, que diz à garota que sua vida irá mudar repentinamente: seu ex-namorado a pedirá de volta, ela ganhará uma grande fortuna e se casará com um gringo lindo que se apaixonará por ela. Então, a jovem se entusiasma, mas quando sai na rua é atropelada por um mercedez e morre.

Assim como tantas obras literárias adaptadas ao cinema, “A hora da estrela” acaba sofrendo com insuficiência em traduzir em imagens tudo aquilo que as palavras querem dizer. No caso do enredo, o filme não deveria ter excluído Rodrigo, pois era preciso que ele olhasse para Macabéa, ali sofrendo, sonhando, morrendo e, mesmo nessa hora, talvez dissesse: “A vida é mesmo um soco no estômago”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *A hora da estrela* coloca o leitor diante de temas inquietantes e o obriga a fazer uma reflexão sobre a condição humana. Estar vivo passa a parecer um eterno confronto contra tudo e todos, e esta parece ser a situação de Macabéa. Ela possui tantas características (pobre, semi-analfabeta, órfã, feia) que a colocam num contexto de exclusão da sociedade. Então, qual seria a vantagem para ela estar viva?

Já ao refletir sobre o filme nota-se a compreensão de uma análise psicossocial mais apurada, mesmo que ele precise do romance para sua própria interpretação, por se tratar de uma adaptação da obra. Mas, com certeza, ajuda a visualizar, a materializar a trajetória de Macabéa nesse mundo injusto; dá para olhar em seus olhos vazios e, em vários momentos, até mesmo enxergar um fio de esperança no caos. Por isso, assistir ao filme sem conhecer o livro acabaria sendo uma experiência angustiante. Observa-se que as cenas precisam de algo que as aproxime a entender os porquês de uma vida tão marcada pela falta de oportunidades. A existência daquela figura que, de tão insignificante, causa um misto de raiva e compaixão.

A hora da estrela, escrita por Clarice Lispector e adaptada para o cinema por Suzana Amaral, difere essencialmente na linguagem em que utiliza para se expressar. O leitor seja ele de livros e/ou de filmes, percebe de forma diferente essa mesma história, já que cada veículo comunicador dela trabalha com signos diferentes. É interessante retratar que a pessoa que lê e assiste *A hora da estrela* passa por dois processos distintos de leitura.

Então, observa-se que a análise desses aspectos psicológicos acompanhados através das noções de identificação e estranheza³, possibilita a compreensão da experiência do migrante em seus aspectos mais evidentes. Neste sentido, atribui-se ao migrante a qualidade de nordestino por levar para os espaços das grandes cidades a sua

³ Ferreira diz em seu artigo (*A migração e suas vicissitudes: Análise de uma certa diversidade*. 1996.) que a análise de uma certa diversidade é resultante de uma indiferenciação, quando o “eu” vê seus limites se esvanecerem frente ao outro. Por isso vimos que o outro, o migrante, o estranho, desperto tanto o fascínio quanto a rejeição. A partir do conceito de recalçamento, analisamos as reações despertadas frente à esse outro.

diferença. E esta pode ter uma função transformadora se houver uma reflexão do mesmo tema nas duas vertentes estudadas.

Este trabalho não se limitou em sistematizar o tema migração, mas uma tentativa de enxergar os diferentes caminhos possibilitados a partir da reflexão sobre a subjetividade e seus desdobramentos.

Por fim, embora o filme consiga passar de forma fiel a mensagem do livro, ainda assim necessita de um elemento essencial, que seria de fundamental importância na compreensão do mesmo. O filme precisa do livro, mas não acontece o mesmo ao inverter os papéis.

A pesquisa e análise de toda a técnica utilizada por cada um dos processos de construção de linguagem, a retratação do foco narrativo, a análise psicossocial entre as linguagens literária e cinematográfica e as diferentes formas em que esses signos podem ser percebidos foi que se destinou a elaboração deste artigo científico.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

EPSTEIN, Isaac. *O signo*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Ademir Pacelli. *A Migração e suas vicissitudes: Análise de uma certa diversidade*. Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PEIRCE, S. Charles. *Semiótica*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.

VASQUEZ, Pedro Carp. *Uma carta para Clarice*.

<http://www.claricelispector.com.br/>